

## **O EXERCÍCIO EDUCATIVO DE TROCAR A INDIFERENÇA PELO ACOLHIMENTO**

Autora: Prof<sup>a</sup> Ms. Maria Rosineide Soares de Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Thiago Isaías Nóbrega de Lucena

*Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte*

[kd.ro@hotmail.com](mailto:kd.ro@hotmail.com)

### **RESUMO**

Este artigo é parte de um trabalho de dissertação apresentada no curso de Pós-graduação em Ciências da Educação da Universidad de Desarrollo Sustentable - UDS, Assunção, Paraguai. O ensaio trata da temática sexualidade e, mais especificamente, homossexualidade no ambiente escolar e, ao mesmo tempo, discorre sobre a necessidade de perscrutar um novo olhar em relação ao sujeito homossexual inserido no contexto escolar, fazendo-nos refletir sobre a prática docente na contemporaneidade. É importante trazer essa discussão sobre gênero pra sala de aula, uma vez que temas relacionados à sexualidade humana ainda são tratados com forte aporte de preconceito, em pleno século XXI. O objetivo primordial do trabalho foi o de trazer à tona reflexões sobre a realidade e vivência do sujeito homossexual no ambiente da escola a qual está inserido, apontando seus dilemas, suas dificuldades de relacionamento e aceitação de suas opções sexuais, ampliando o debate na perspectiva de trocar a indiferença pelo acolhimento, valorizando a pluralidade, diversidade e a igualdade, afastando do cenário escolar atitudes discriminatórias, e possibilitando, pelo acolhimento, o respeito ao próximo. A metodologia teve como ponto de partida uma dinâmica com exposição de imagens relacionadas ao contexto da homossexualidade, seguido de observações, entrevistas e discussões entre alunos e também professores de duas turmas de 9º ano. Os resultados indicam, de partida, aquilo que comumente estivemos ouvindo e vendo historicamente, ou seja, o preconceito, a rejeição, a intolerância são componentes cotidianos das relações interpessoais que o sujeito homossexual ainda enfrenta nas escolas do município de Nova Cruz, RN, Brasil, porém agora disfarçados em linguagens religiosas, culturais, voltadas ao convívio da indiferença. Outro ponto de destaque encontrado na pesquisa diz respeito ao despreparo da escola e dos professores para enfrentamento da questão uma vez que ainda não existem políticas educacionais que subsidiem o repertório didático institucional e profissional. Entretanto, nossa perspectiva é possibilitar, através do aprimoramento didático e aproximação humana, a troca da indiferença convertendo-a em acolhimento.

Palavras-chave: Escola, Homossexualidade, Indiferença, Acolhimento.

## 1. INTRODUÇÃO

A predisposição para a produção deste trabalho surgiu pela necessidade de compreender como se dá o processo de construção da identidade homossexual de jovens residentes na cidade de Nova Cruz, no estado do Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. A inclinação para com essa temática é fruto de um desejo constante de entender essa manifestação, cada vez mais crescente, na realidade escolar da qual faço parte.

Ainda que nos debruçemos sobre informações de pensadores que pensam a homossexualidade, não é o objetivo deste trabalho buscar as origens da homossexualidade no município de Nova Cruz, RN, Brasil, uma vez que se trata de um fenômeno que diz respeito a toda a condição humana. Nossa pesquisa fez sim, uma observação de como se constrói e revela homossexualidade e como ela é encarada no ambiente escolar.

Como cenário de referência maior para o desenvolvimento de uma metodologia que inclui observação, entrevistas e intervenção por meio de uma dinâmica que chamamos “RELAÇÕES COTIDIANAS: retratos e reflexões da realidade”, temos duas escolas do município de Nova Cruz: Escola Estadual Alberto Maranhão, a mais antiga da cidade e Escola Municipal Nestor Marinho, a de maior porte entre as escolas municipais da cidade.

Munidos do objetivo de compreender o processo de construção da identidade homossexual em garotos e garotas, direcionamos nosso olhar para estudantes integrantes do nono ano do Ensino Fundamental II nas duas escolas. Isso por acreditar que é nessa fase de ensino, o momento primeiro e de grandes descobertas relacionadas à sexualidade, por conseguinte, homossexualidade. A sexualidade é e deve ser um tema relevante no contexto educacional. Ainda nos dias atuais é um tema tabu e gera bastante desconfiança e medo no professor, mas não dá mais para fechar os olhos e fingir que este assunto não deve ser discutido na escola. Ele está presente no dia a dia dos alunos, motivando suas atitudes e ocupando intensamente seus pensamentos.

Se falar de sexualidade já representa um grande tabu na escola, o que dizer então da homossexualidade? Na realidade escolar de nossa região Nordeste, em nosso caso, Rio Grande do Norte, o despreparo, o desconhecimento e em grande medida o preconceito em lidar com essa temática ainda é um grave problema, inclusive em todas as fases do ensino.

A prerrogativa fundamental deste artigo consiste em problematizar, dentro do ambiente escolar, a construção da identidade homossexual em jovens integrantes da última fase do EF II.

Assim, torna-se relevante e a contento, trazer à tona análises, discussões e reflexões que permitam, dentro da escola, conhecer e caracterizar o contexto da homossexualidade enquanto escolha de identidade sexual presente nos sujeitos na contemporaneidade.

Um ponto que sempre me inquietou no trato e nas relações escolares, diz respeito à questão do preconceito à homossexualidade, pois nesse ambiente é constante observar-se atitudes dessa natureza para com esses sujeitos. Assim, quais os caminhos percorridos pelo mesmo, no tocante a sua formação identitária e, por conseguinte, homossexual? Quais as motivações que fomentam a homofobia? De que maneira o indivíduo homossexual se sobressai nas relações sociais e interpessoais no cotidiano escolar? Será que eles têm garantidos os mesmos direitos e deveres enquanto cidadãos? O que também fomentou o desejo de pesquisar o tema abordado é o fato de ter presenciado por inúmeras vezes, tratamentos preconceituosos e discriminatórios para com pessoas homossexuais. Pessoas estas que sempre fizeram parte de nosso meio social, com quem tenho laços de proximidade e também de profundo respeito e afetividade.

Assim, torna-se relevante e a contento trazer à tona discussões e reflexões que permitam, dentro e fora da escola, conhecer e caracterizar o contexto da homossexualidade enquanto escolha de identidade sexual presente nos sujeitos na contemporaneidade. Pelo convívio que temos junto à escola e ao ensino, percebemos indícios fortes de que é na fase final do EF II, onde também se vislumbra o período de grande efervescência da sexualidade dos alunos, onde a sexualidade se define no sujeito, portanto também, é a partir daí que a homossexualidade aflora em toda sua plenitude.

Justifica-se, portanto, a necessidade de melhor compreender esse contexto, identificando e analisando todas as nuances em que se constrói a identidade homossexual masculina e feminina, bem como apontar e discutir as contribuições das ações educativas desenvolvidas pelo professor e pela escola nesse processo.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa tem como prerrogativa, identificar, conhecer, discutir e refletir sobre o processo de formação do sujeito homossexual na fase da adolescência. Para tanto, decidimos por desenvolver uma dinâmica, na verdade, uma atividade de exposição de imagens relacionadas ao tema do trabalho para que os envolvidos pudessem interagir, se posicionar a respeito, discutir e refletir sobre

tal, de forma que seus relatos possam subsidiar nossas discussões frente a temática proposta. A esse respeito, algumas etapas foram seguidas:

Seleção e definição das escolas e anos (séries) para realização da dinâmica;

Seleção e definição das imagens a serem apresentadas na dinâmica;

Definição do tema da dinâmica: **RELAÇÕES COTIDIANAS**: retratos e reflexões da realidade.

A dinâmica **RELAÇÕES COTIDIANAS**: retratos e reflexões da realidade foi desenvolvida em duas escolas, uma estadual e outra municipal da cidade de Nova Cruz no Estado do Rio Grande do Norte. As escolas são: Escola Estadual Alberto Maranhão, a mais antiga da cidade e a outra foi a Escola Municipal Nestor Marinho, a de maior porte entre as escolas municipais, também na mesma cidade. Salientando que em ambas fomos autorizados pela direção da escola bem como pelos professores envolvidos, estes, aliás, selecionados aleatoriamente.

A primeira dinâmica foi desenvolvida na Escola Estadual Alberto Maranhão, primeira instituição de ensino fundada na cidade e que hoje conta com um quantitativo de 1034 alunos, distribuídos por séries do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino de Jovens e Adultos (EJA). A atividade foi desenvolvida num período de cinquenta minutos, horário normal de uma aula, em uma turma de 9º Ano do turno matutino e estiveram presentes vinte e dois alunos. A segunda dinâmica ocorreu também com uma turma de 9º Ano do turno matutino da Escola Municipal Nestor Marinho, instituição também de grande porte, que atualmente conta com cerca de 600 alunos matriculados nos três turnos. Tivemos a presença de vinte e oito alunos e o período de tempo da dinâmica também foi de cinquenta minutos.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para montar o material utilizado nas aulas, selecionamos, por meio de uma busca de imagens na internet, cenas, fatos que retratassem casais homossexuais em relação de afeto, tanto do sexo masculino como do feminino; a violência que esses grupos sofrem; sobre os direitos adquiridos entre relações homoafetivas (casamento civil); as mais variadas formas de preconceito: contra os negros, as mulheres, pessoas altas, baixas, gordas, magras, sobre os refugiados de países em guerra, como na Síria, entre outros.

## INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados foram um projetor de imagens, um notebook, uma caixa amplificadora de som, um celular com aplicativo de gravador de voz.

Num segundo momento foi feita a transcrição dos dados coletados no decorrer das dinâmicas, a partir dos áudios coletados entre os alunos.

## A DINÂMICA

A atividade iniciou-se com uma conversa inicial, em seguida fomos apresentando as imagens em slides, logo após solicitamos que os alunos relatassem a leitura que fizeram das cenas vistas, ao final assistiram um pequeno filme do Dr. Dráuzio Varela tratando sobre o tema Homossexualidade. Nesse vídeo, o renomado médico oncologista, cientista e escritor com mais de 40 anos de atuação, uma voz respeitada em todo Brasil, apresenta argumentos que ampliam e amadurecem as discussões sobre as relações sociais.

“Varella afirma que é “estupidez” achar que ser gay é uma escolha, pois “ninguém decide a própria sexualidade”. “Você é heterossexual? Como é que você decidiu ser heterossexual? A sexualidade é. Ela se impõe, a gente não escolhe”, explica o médico.” E ainda acrescenta que homofobia é ignorância. A escolha do vídeo ocorreu pela relevante discussão deste tema em um momento da história nacional em que a homofobia e os direitos dos homossexuais têm sido discutidos exaustivamente pela sociedade.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A nossa presença nas escolas se deu de maneira muito agradável, receptiva por parte de professores e alunos, foi também permeada por um compromisso de um futuro retorno para discussões mais longas sobre o tema, para melhor compreensão inclusive no que se refere ao aspecto comportamental. Isto é, como lidar no cotidiano pedagógico com situações de conflitos, debates, denúncias, entre outras tantas situações e assim contribuir com a/o educador/a.

Os alunos tiveram uma reação tranquila. Não apresentaram sinais de reprovação ou estranheza com imagens, inclusive, fortes, impactantes, frente aos recursos didáticos frequentemente transmitidos a eles. Relataram que as cenas demonstram a realidade das pessoas que sofrem preconceitos e frisaram que já presenciaram e vivenciaram situações semelhantes. O discurso dos

que se pronunciaram foi a favor da diversidade e das múltiplas formas de ser e se comportar em sociedade.

Um aluno “A” ao expor sua opinião sobre homossexualidade, disse:

Cada pessoa escolhe o que quer ser na vida, se a pessoa escolheu ser homossexual, não deve existir esse ódio contra eles, devemos apenas respeitar.

Numa simples e direta fala, o aluno trás a tona uma perspectiva de que entre os jovens já ocorre, felizmente, um importante avanço na conduta, comportamento e convivência social sem que existam “ditames”, tabus de qualquer natureza no processo de construção de sua personalidade.

Nessa mesma direção, outro aluno “B” relata que presenciar gestos de afetividade e carinho ou até mesmo carícias entre pessoas do mesmo sexo não deve ser entendida como algo anormal, entretanto, considera que a troca de beijos, por exemplo, em espaços públicos, ainda não são condizentes com aquilo que nossa sociedade pressupõe como característica de normalidade. Para tal aluno, um casal homossexual ao se beijarem em público, reflete-se como “falta de respeito”. Ou seja, parece-nos que ocorrem lapsos de avanços entre os jovens no que se refere a compreensão de igualdade de direitos, de liberdade de expressão como uma atitude humana necessária aos dias atuais. Ao mesmo tempo, também aponta-nos uma forte resistência àquilo que aos seus olhos vislumbra-se como algo agressivo, coisas como o beijo gay, por exemplo.

Uma aluna “C” falou que “acha estranho”. Outro “D” que “o problema é que casais gays não procriam”, dando a entender que o mesmo está atrelado a alguma corrente religiosa contrária ao homossexualismo.

Nesse meio tempo, entramos com a seguinte discussão: no ambiente da escola os alunos assumidamente homossexuais sofrem algum tipo de preconceito?

O aluno “A” assim respondeu: Em minha opinião os alunos homossexuais são afetados quase em todas as atividades feitas na escola, como no esporte, nos trabalhos em grupos, muitas vezes são excluídos, devidos à discriminação dos demais.

Fica evidenciado, portanto, de acordo com essa opinião, não muito diferente das outras opiniões presentes e envolvidas na dinâmica, que o embate, o enfoque, a discussão e representação da temática sexualidade se faz extremamente necessária ao cotidiano e contexto escolar, tendo em

vista que essa realidade de preconceito e de violência para com as pessoas homossexuais precisa ser efetivamente combatida.

Esse mesmo aluno “A” diz que a escola deve combater o preconceito contra os homossexuais porque conviver com piadas e apelidos acaba tornando a vida daquela pessoa um ‘inferno’, corre o risco até de a pessoa ficar com problemas psicológicos devido ao preconceito, afetando até nos estudos.

Aproveitando o momento, perguntamos ao docente se na sua visão eles e escola estariam preparados para essa discussão?

O professor “A” disse: Creio que não. De qualquer forma, devemos trabalhar de maneira séria e com responsabilidade, sem preconceitos e sem discriminação, observando a realidade de cada local, comunidade ou escola.

A professora “B” também responde ao mesmo questionamento da seguinte forma: Não estão preparados porque os professores também trazem seus dogmas. Na sua formação ele não teve acesso à discussão sobre gênero e sexualidade para adquirir conhecimento profundo sobre o tema, porém, essa busca pelo conhecimento vai acontecer de acordo com a necessidade. Um educador comprometido com sua profissão vai buscar falar sobre os diferentes tipos de orientação sexual, assumindo uma atitude disposta ao diálogo e à aquisição de informação e conhecimento sobre o assunto.

Parece-nos bem claro que, mesmo não tendo um processo de contínua formação a respeito das questões de gênero e sexualidade na escola, os professores buscam, enfrentam no seu cotidiano, o problema com muita responsabilidade, compromisso, mesmo compreendendo suas limitações. Tanto o faz, que assim relata sobre o papel do professor frente aos problemas de sexualidade e homossexualidade dentro da escola: Devemos, de forma simples, clara, sempre aproximando o tema dos direitos e deveres dos cidadãos e do respeito à diversidade humana, debatendo tudo conforme a necessidade da classe, conforme o aluno vai perguntando, ressaltando a necessidade de respeitar as diferenças, de refletir sobre como quem não tem o ‘comportamento dito padrão’ imposto pela sociedade. E assim aprender a ressignificar nossos próprios valores e conceitos.

Fica extremamente evidente a real necessidade de se abordar e tornar o tema sexualidade, por conseguinte, homossexualidade em todas as suas facetas dentro dos processos pedagógicos, do processo ensino-aprendizagem uma realidade absolutamente presente e recorrente. Ou seja,

Conhecer mais sobre os saberes, sobre os valores, sentidos e significados construídos pelos jovens homossexuais em sua passagem pela escola, é também acreditar que este conhecimento poderia ajudar muito na relação professor-aluno e na apropriação, por alunos e professores dos saberes escolares, que neste caso, percebe-se como negado a grande maioria das escolas, principalmente àquelas próximas de nós.

Uma vez negando essa discussão, a compreensão, a tolerância, a escola deixa de ser um dos espaços para jovens homossexuais debater, se relacionar no segundo ambiente mais importante, pois acredita-se que a família ainda é a responsável por essa primeira aproximação. Dessa forma, a escola se distanciando da problemática, deixa de dar uma importante contribuição no processo de conscientização e, portanto, diminuição das desigualdades.

Outros espaços podem ser criados para a discussão da sexualidade, mas a escola é de fato ambiente central de expressão da sexualidade, principalmente juvenil. A discussão da sexualidade/homossexualidade na escola não é final e nem contempla conclusivamente todos os aspectos da vida sexual, mas pode ter consequências e ramificações político-pedagógicas nesta e em outras dimensões da vida social.

Em Nova Cruz, acreditamos não muito diferente do resto do Estado e até mesmo do país, os jovens homossexuais ou não heterossexuais, estão enfrentando todos os tipos de violência cotidianamente, inclusive não só no âmbito das ruas, isso ocorre seriamente na escola, com todas as suas práticas de bullying, mas também dentro do ambiente familiar. De fato, se muitos jovens mudaram nesses últimos tempos, hoje defendem suas escolhas, elas vão além de identidades sexuais codificadas, estão em frentes por direitos sexuais e reprodutivos, enfim, sociais. Já as instituições clássicas de socialização, como a família e a escola tendem a realizar a reprodução de padrões convencionais, reduzindo sexualidade a sexo/procriação, ou a sexo/estatuto de moralidade, não considerando que juventude é tempo de busca, de afirmação do contrário, de rebelião, de explosão da libido, de muita adrenalina, de vontade de correr riscos, sendo complexa a equação entre proteção, autonomia e exposição real ao perigo.

Sabe-se das dificuldades e limitações quanto à aproximação para com as famílias, entretanto, com as escolas isso não é obstáculo, ela, na verdade, ainda não se abriu fervorosamente para o caso, mesmo entendendo que isso se dará independentemente da sua vontade, pois seus espaços serão sempre os mais propícios para a abertura de novos paradigmas.

#### 4. CONCLUSÕES

A abordagem do tema expressa uma questão recorrente ao longo de toda a trajetória de vida e principalmente profissional: compreender o processo educacional, as intervenções da escola e da prática pedagógicas docentes frente ao convívio de adolescentes e jovens com os temas da sexualidade e homossexualidade, suas relações com a sociedade e com as demandas sociais, em sua fase mais tênue, ou seja, fase de primeiros contatos com suas escolhas e afirmação de suas opções sexuais.

Quando os professores conhecem seus alunos, sabem como vivem, suas lógicas de aprendizagens, como se relacionam com os saberes e valores instituídos e difundidos pela escola, o resultado disso é uma verdadeira construção coletiva de saberes, e com temas cercados por ditames, preconceitos de toda natureza, isso representa um forte avanço quanto as concepções educacionais necessárias aos dias de hoje.

Dessa forma, é princípio fundamental da escola e seus professores, ofertar ao máximo as possibilidades de se conhecer mais sobre a sexualidade, homossexualidade, sobre os valores culturais, sentidos e significados construídos pela sociedade a respeito da temática, de tal maneira que adolescentes e jovens em sua passagem pela escola possam discutir harmoniosamente sobre tudo isso, resultando numa construção de conhecimento e mais ainda de consolidação de uma cultura de respeito às diferenças, não só nas relações escolares, mas, sobretudo numa convivência social em que todos possam ir e vir com respeito, dignidade e igualdade. Nos últimos tempos, acostumamos a ouvir na escola o termo tolerância. E esse termo ganha mais força quando a discussão é sobre sexualidade ou homossexualidade, dando-se ao termo um valor de limite, controle ao que se possa falar e/ou agir negativamente ou até mesmo de forma violenta contra sujeitos assumidamente não heterossexuais.

A sexualidade diz respeito ao ser humano. E, portanto, está presente e se desenvolve na escola, por meio das relações entre professor e aluno e entre os próprios alunos. A discussão sobre sexualidade é uma função de todos nós que temos um papel importante na Educação das pessoas. Promover conhecimento sobre sexualidade fortalece o aluno e cria condições para tomadas de decisões assertivas, diminuindo a vulnerabilidade e melhorando, inclusive, o desempenho escolar. A orientação sobre sexualidade é dada pela escola. Onde são feitas discussões e reflexões a respeito do tema de uma maneira formal e sistematizada que se constitui em uma proposta objetiva de

intervenção por parte dos educadores. Cabe à escola possibilitar uma aprendizagem correta, já que essa instituição visa o crescimento do indivíduo como um todo.

Assim, o professor é fundamental também como transmissor do discurso da sexualidade. Para muitos alunos esse profissional é a única pessoa com quem eles podem contar para ampliar seus conhecimentos sobre sexualidade e desenvolver uma nova visão sobre fatos que, às vezes no seu meio social, podem ser tratados como sem importância para a vida deles, como é o caso da decisão sobre a primeira vez ou a gravidez na adolescência ou ainda sua escolha quanto a opção sexual. Um professor que está atento a importância desse papel faz toda a diferença na vida dos alunos. Ele se torna uma pessoa capaz de aumentar a bagagem da vida desse jovem ou adolescente.

Cabe-nos, enfim, refletir acerca da importância da discussão sobre sexualidade na escola para a construção da cidadania, de uma sociedade livre de falso moralismo e mais feliz. O trabalho docente a respeito da sexualidade na escola tem como objetivo principal as mudanças nos padrões de comportamento, levando-se em conta a transmissão de informações de maneira verdadeira, a eliminação do preconceito, a valorização e respeito às diferenças, investindo inclusive nos aspectos afetivo-emocionais como forma de aproximação entre os alunos. O discurso docente sobre sexualidade, segundo Werebe (1998) implica em abordar e discutir também questões sociais e morais, só assim estaria presente no trabalho educativo às relações envolvendo liberdade, autonomia e respeito à intimidade dos sujeitos envolvidos com a sexualidade.

Enfim, tudo isso nos leva a conclusão que falta nos professores, àqueles que trabalham direta ou indiretamente com a temática sexualidade, uma formação continuada e integral, com o foco principal na sexualidade humana e as relações intrínsecas a ela. E esse papel se efetiva substancialmente quando sua aplicação e apreciação destinam-se à realidade em que se encontra a cidade de Nova Cruz, RN, Brasil, lugar onde a sexualidade e homossexualidade ainda são vistos com sérios tabus, envoltos por preconceitos e muitas vezes tratados com desdém.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius NicastroHonesko. Chapecó: Argos, 2009.

AQUINO, Júlio Groppa. **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras(es) em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília: SPM, 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual**. Vol. 10. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da cultura**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

COTRIM, Douglas do Couto. **Educação e a adoção por casais homoafetivos: uma incursão inicial sobre o tema**. Rio de Janeiro: Unirio, 2014.

FEITOSA, L. C. **Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia**. São Paulo: Annablume, 2005.

FERNANDES, Janaina Foleis. **O Adolescente Homossexual na Dinâmica Escolar**. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br> Acessado em: 29/03/16.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres**. 5.ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 24.ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Os professores e sua formação**. Lisboa: DomQuixote, 1992.

GREGERSEN, E. **Práticas sexuais: a história da sexualidade humana**. São Paulo: Roca, 1983.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

KUENZER, A. Z. **As mudanças no mundo do trabalho e a educação: novos desafios para a gestão**. In: FERREIRA, N. S. C. (Org.) **Gestão democrática da Educação: atuais tendências, novos desafios**. São Paulo: Cortez. 1998, p. 33-58.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARTINS, Vicente. **A Homossexualidade no Meio Escolar**. Disponível em: <http://www.partes.com.br/ed16/educacao.asp>. Acessado em: 29/03/16.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus, 1987.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; tradução Eloá Jacobina, 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya. Brasília: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. VIVERET, Patrick. **Como viver em tempos de crise?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PACHECO, M. **Memórias de professores(as) sobre sexualidade e o currículo como narrativa**. 2007. 182f. Tese (Doutorado Em Educação)- Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2007.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso**. RS: Artmed, 1995.

RIBEIRO, M.O. A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem. Rev. Esc. Enf. USP. v. 33, n. 4, p. 358-63, dez. 1999.

SANTOS, S. Marli P. **O Lúdico na Formação do Educador**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

SCHÖN, Donald. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SERBINO, Raquel Volpato. **Formação dos professores**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SILVA, Tomáz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução as teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA JUNIOR, Jonas Alves da. **Da Discriminação à Inclusão: por uma escola sem homofobia**. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis (SC), ago., 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: vozes, 2002.

TORRES González, José Antonio. **Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Política, Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.